

QUANDO O TEXTO (NÃO) É FOTOGRAFIA?

Manlio M. Speranzini*

Em *E a vida é rosa?*, o artista desenvolve um trabalho plástico que procura estabelecer relações particulares entre o texto e a imagem através da arquitetura, da fotografia e da tipografia, compondo uma narrativa que investiga e problematiza impressões do cotidiano urbano e doméstico.

* Doutorado em Letras (FFLCH/USP), Mestrado em Estética e História da Arte (EHA/USP), Arquiteto de formação (FAU/USP), e artista gráfico de profissão. Realizou duas exposições individuais: "Vestígios - memórias do acaso", UFF, Niterói (1999) e "À revelia da luz", UNICID, São Paulo (2001).

manlio@ig.com.br

e o perfume doce das rosas agora enjoam. Depois de tanto
 que a cabeça gira, gira, gira até que tudo desanda
 num azedo de doer e gritando sempre a vizinha que fala
 sozinha e vive triste, tristinha, sempre sempre) O cuscus
 paulista no marinex sobre a toalha de plástico na
 mesa, "é o rei" era para comemorar. . . (a
 mão espalmada fecha a boca do outro antes de se
 comembrar sempre o bife) [o cuscus esfria, se
 derrete] a toalha de plástico sempre na mesa
 de espalmo e as rosas que (página 17)
 se derretam no ído e no ar, puzas, mais
 puzas de que seria dançavam no barrado
 mole da toalha de plástico sempre que os dois se
 sentam. aguardam agora o que vem para depois do
 para tomar o café da manhã. e jantar. . .

